

## **GÊNERO NA COMUNIDADE BRASILEIRA DE SOFTWARE**

### **LIVRE**

*Mônica de Sá Dantas Paz*

Mestre e doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura  
Contemporâneas/UFBA

### **RESUMO ESTENDIDO**

#### **RESUMO**

Este artigo visa apresentar alguns dos grupos de mulheres no Brasil, bem como, os que possuem brasileiras em sua composição, que se dedicam a discutir e/ou desenvolver softwares livres. Analisaremos questões como motivações, barreiras, tipo de atividades desenvolvidas e aproximação às causas feministas, além de suas visões de gênero e tecnologia. Fundamentamos este trabalho no tecnofeminismo (Wacjman), afastando assim possíveis determinismos, tanto sociais quanto tecnológicos, mediante a perspectiva de gênero para a análise da configuração sociotécnica dessa comunidade, que vive às voltas com a tecnologia e da cultura hacker. Serão utilizados para a observação desses grupos, as tecnologias da informação e comunicação utilizadas pelos mesmos, tais como seus blogs, páginas no Facebook e listas de discussão, além de suas atuações em eventos da comunidade.

#### **APRESENTAÇÃO**

Este trabalho visa apresentar parte da atual pesquisa de doutoramento da autora e pode ser considerado como a caracterização do objeto de estudo, bem como, a formulação de questões para esta pesquisa dentro da temática mulher e tecnologia. Para tanto, é realizada a observação da atuação e organização de mulheres da comunidade software livre em relação a gênero. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é apresentar alguns dos diferentes tipos de atuação e temáticas trabalhadas por mulheres e por grupos

de mulheres do movimento software livre que apresentam sensibilidade de gênero. A fundamentação teórica do trabalho se apoia em autoras que tratam da brecha digital de gênero e que indicam que esta deve ser resolvida não só com a inclusão digital de mulheres, mas também através do debate e da crítica acerca do processo de desenvolvimento e consumo de tecnologia, que normalmente são baseados em práticas excludentes e patriarcais.

## **DESENVOLVIMENTO/ FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Além da crítica à ciência e à teoria social (SARDENBERG, 2002), o feminismo também se ocupou com questões relacionadas a tecnologia, pois esta também deve ser analisada numa perspectiva de gênero. Dessa forma, observa-se não apenas o fato da tecnologia ser utilizada, planejada e desenvolvida em sua maioria por homens, mas também por reforçar esteriótipos e a segregação do gênero feminino. Estabelece-se, então, histórica e culturalmente, uma relação entre a tecnologia e o ser masculino. Contudo, a tecnologia não deve ser assumida como inerentemente patriarcal, nem como totalmente libertadora (WAJCMAN, 2009).

Decorrente dessa implicação de masculinidade à tecnologia, constantemente reproduzida no cotidiano, a capacidade tecnológica dos homens se torna tanto um fim quanto um meio para a sustentar a hegemonia na área. Dessa forma, se faz necessário uma redefinição desta relação em prol de um progresso científico-tecnológico não excludente (SEDEÑO, 1999).

Sobre brecha digital entende-se a questão do acesso e ainda a dos usos que os indivíduos fazem das tecnologias da informação e comunicação (TICs), considerando-se a sua expertise neste ramo do conhecimento. Esta expertise implica na intensidade e na variedade dos usos, bem como, nas apropriações dessas tecnologias. Dessa forma, esta segunda brecha digital também acarreta em uma divisão de gênero no uso das tecnologias digitais; o que se torna mais proeminente do que os problemas iniciais de falta de acesso e de habilidades dos indivíduos com as TICs (CASTAÑO, 2008).

A crítica ao processo de planejamento e desenvolvimento de tecnologias digitais como dominada pelos homens não tem a sua resolução somente no aumento da presença ou no incremento do número de mulheres no campo de concepção dessas tecnologias. Deve-se também impulsionar a crítica à tecnologia para que seja possível inovar a partir de mudanças das relações sociais entre mulheres e homens (ALEMANY, 1999).

Percebe-se então que a tecnologia pode ser vista como uma ferramenta de manutenção do poder entre os sexos. Dessa forma, não é necessário apenas pensar a tecnologia numa perspectiva de acessibilidade das mulheres, mas também refletir sobre o processo produtivo e ideológico no qual os artefatos tecnológicos são desenvolvidos.

O ponto chave que consideramos importante nesse debate é entender as relações de poder mediadas pela tecnologia não só no âmbito do uso e das apropriações imprevistas, mas também se pensar na sua própria construção e de suas representações sociais de forma mais inclusiva. Outro ponto é analisar sob a ótica feminista, como os avanços tecnológicos causam impactos diferentes nos homens e nas mulheres, atentando para as novas nuances da contemporaneidade informatizada e conectada.

## **METODOLOGIA**

O trabalho contém um levantamento bibliográfico para embasamento das questões de pesquisa e conhecimento de campo na temática 'mulher e tecnologia' e 'mulher e software livre'. Também foi realizada uma pesquisa exploratória para o conhecimento e melhor entendimento do objeto de pesquisa de acordo a algumas classificações de similaridades e diferenças em relação às suas atuações e temáticas de interesse. Tal pesquisa é referente à observação da comunidade software livre partindo de comunidades online e de eventos presenciais.

## **RESULTADOS ALCANÇADOS**

Os membros da comunidade software livre do Brasil consideram, por questões sociológicas, políticas e técnicas, que os softwares livres são a melhor solução no segmento por possibilitar o seu uso, estudo, modificação e distribuição. São essas as chamadas quatro liberdades do software. Diante dessas premissas, a comunidade software livre se torna uma das vertentes mais conhecidas da cultura hacker (HIMANEM, 2001).

Esta comunidade possui alguns grupos de mulheres ativos em ambientes digitais e nos eventos da comunidade. A existência desses grupos, bem como, a ação de ativistas isoladas, demonstram como as mulheres estão se organizando para debater e buscar a minimização das diferenças de gênero na comunidade software livre no Brasil. Encontramos algumas similaridades e diferenças que ajudam a dividi-los de acordo com as suas atuações e propósitos.

Há grupos que, apesar de serem internacionais, possuem brasileiras entre seus membros; mulheres que atuam tanto no âmbito internacional quanto nacional. Alguns desses grupos trabalham para um projeto de software em específico, desenvolvendo atividades de cunho técnico para o desenvolvimento e difusão dos softwares, além de capacitar e buscar por novas colaboradoras.

Outros grupos tratam de gênero e software livre ou de tecnologia de forma geral, mas também apresentam interesse por software livre e participam dos eventos dessa comunidade. Muitos dos temas abordados recorrentemente nos eventos e espaços de discussão online da comunidade são as origens da segregação de gênero na tecnologia; mulher e formação acadêmica; mulher, profissão e mercado de trabalho; comportamento e sexismo na comunidade; pesquisas e estatísticas da exclusão por gênero; formas de aumentar a inclusão e colaboração das mulheres junto aos projetos de software livres, dentre outros.

Alguns grupos têm apenas a participação de mulheres, outros são mistos, mas reservam para o público feminino o direito de deliberação. Lembrarmos que parte dessa comunidade considera ações específicas para mulheres como sexistas, mesmo diante dos baixos números da presença feminina na comunidade e dos desfavorecimentos históricos e culturais enfrentados por elas nessa área.

Apontamos como necessário entender as questões, motivações, barreiras, tipo de atividades desenvolvidas e aproximação às causas feministas desses grupos, bem como suas visões em relação a gênero e tecnologia. Dessa forma, poderemos partir para uma segunda fase da pesquisa que seria perceber, a luz do tecnofeminismo, afastando possíveis determinismos tanto sociais quanto tecnológicos (WACJMAN, 2009), como as questões de gênero permeiam a cultura hacker do movimento software livre no Brasil.

Analisando as similaridades e diferenças entre esses grupos em relação às suas atuações e temáticas, pretendemos buscar respostas para as seguintes questões:

As temáticas e ações dessas mulheres e grupos de mulheres visam a diminuição da brecha digital de gênero apenas em termos de capacitação e integração delas à comunidade do movimento software livre no Brasil? Ou se pode perceber uma crítica à tecnologia e ao processo de produção e consumo desses softwares livres? Ou seja, as ativistas se preocupam com questões técnicas, sociais e culturais, questionando relações de poder entre gênero, de forma a articular estas questões, ou as tratam de forma isolada?

## REFERÊNCIAS

ALEMANY, C M. Tecnología y género: la reinterpretación de la tecnología desde la teoría feminista. In: BARRAL, M. J., MAGALLÓN, C., MIQUEO C., SÁNCHEZ M.D. (eds). Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres. Barcelona: Editorial Icaria, 1999. p. 39-61.

CASTAÑO, Cecilia. La Segunda Brecha Digital. Madri. ed. Cátedra. 2008.

HACHÉ, A., CRUELS, E., VERGÉS, N. Mujeres programadoras y mujeres hackers. Uma aproximación des de Lela Coders, 2011.

HIMANEM, Pekka. A ética dos hackers e o espírito da era da informação. A diferença entre o bom e o mau hacker. Pekka Himanem, tradução de Fernanda Wolff - Rio de Janeiro : Campus, 2001.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Da Crítica Feminista à Ciência. Uma Ciência Feminista?. In: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar (Orgs.). Feminismo, Ciência e Tecnologia, Salvador: Coleção Bahianas, 2002, pp.:89-120.

SEDEÑO, E. P. Feminismo y estudios de ciencia, tecnología y sociedad: nuevos retos, nuevas soluciones. In: BARRAL, M. J., MAGALLÓN, C., MIQUEO C., SÁNCHEZ M.D. (eds). Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres. Barcelona: Editorial Icaria, 1999. p. 17-37.

SCHWARTZ, Juliana; CASAGRANDE, Lindamir; LESZCZYNSKI, Sonia; CARVALHO, Marília Gomes. Mulheres na informática: quais foram as pioneiras? In: Cadernos Pagu (27), julho-dezembro de 2006: p.255-278.

WAJCMAN, Judy. Feminist theories of technology. In: Cambridge Journal of Economics Advance Access, published January 8, 2009.